

Voz - 17 - IV



CONGRESSO NACIONAL DA J. U. C.

# Na Galeria de S. Nicolau ABRIU ONTEM UMA EXPOSIÇÃO

## de arquitectura religiosa contemporânea de alto interesse para os católicos

Na galeria de S. Nicolau anexa à igreja do mesmo nome abriu ontem, integrada no Congresso da J. U. C., uma notável exposição de arquitectura religiosa contemporânea. E dizemos notável porque ela representa a reacção dos jovens architectos con-

tra as deturpações do espírito evangélico e litúrgico que na construção de igrejas se tem verificado, não diremos ultimamente, mas até mesmo já a partir do século passado.

São organizadores os architectos e estudantes de arquitectura Henrique Albino, Nuno Teotónio Pereira, João Braula Reis, João Correia Rebelo, António de Freitas Leal, José Maia Santos, João Medeiros e Almeida, com a colaboração da secção da J. U. C. da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa e da União Noelista Portuguesa.

Oportunamente nós referiremos com mais desenvolvimento a este certame, chamando a atenção dos nossos leitores para pormenores importantes que poderiam passar despercebidos dos visitantes.

A exposição estará patente ao público durante um mês.

### Nas sessões de ontem foram apreciadas as teses de sr. Dr. Guilherme Braga da Cruz sobre «Origem e evolução da Universidade» e do sr. Manuel Correia de Barros sobre «Fins da Universidade»

O I Congresso Nacional da Juventude Universitária Católica teve ontem o seu primeiro dia de trabalhos, aos quais assistiu a quase totalidade dos congressistas inscritos.

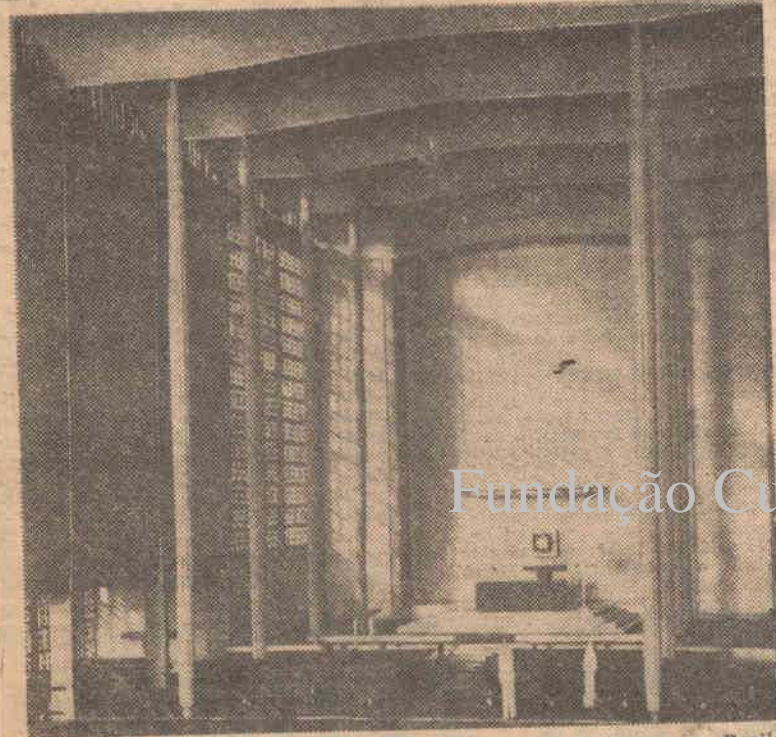
As 9 horas, o Senhor Arcebispo de Mitilene celebrou missa de comunhão geral, na Sé Patriarcal, acolitado pelos revs. padres Domingos Maurício dos Santos e Carlos Proença. Ao Ofertório, serviram os dirigentes do

Congresso, tendo-se abeirado da sagrada mesa cerca de mil fiéis.

### Palavras do Senhor Arcebispo de Mitilene aos jucistas

Ao Evangelho, Sua Ex.<sup>a</sup> Reverendíssima proferiu uma homilia, começando por dizer que a hora era gra-

Continua na 6.<sup>a</sup> pág., 5.<sup>a</sup> col.



Modelo de uma igreja moderna — a igreja de Todos-os-Santos, em Basileia, na Suíça (Arquitecto Hermann Bauer)

## O PROGRAMA DE HOJE

As 9., NA IGREJA DE S. JOAO DE DEUS — Missa e comunhão geral, sendo celebrante o Senhor D. António Ferreira Gomes, Bispo do Porto.

As 11 h., NO I. S. TÉCNICO — Reuniões parciais: Organizações universitárias de estudantes; Condição económico-social; Problemas religiosos e morais; O universitário e os problemas de estudo; e Problemas de vocação e preparação profissionais. Todos os congressistas e convidados poderão assistir a qualquer destas reuniões.

As 15,30 h., NO I. S. TÉCNICO — 3.<sup>a</sup> reunião plenária: «Vida institucional da Universidade», sendo relator o Prof. Dr. Inocêncio Galvão Teles, da Faculdade de Direito de Lisboa, e presidindo à sessão o Prof. Dr. José Pires Cardoso, do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras.

As 18,30 h., NO CINEMA IMPERIO — Primeira exibição em Portugal do filme «Journal d'un Curé de campagne», sendo os bilhetes distribuídos a todos os congressistas, mediante a apresentação do cartão respectivo, e até ao limite da lotação da sala.

Voz 17/4/53



# O Congresso Nacional de J. U. C.

(Continuação da 1.ª página)

Ve para a J. U. C., para a Igreja e para o País, porque sem estrutura espiritual não havia realidade que subsistisse.

Na sessão solene de abertura do Congresso havia-se marcado a necessidade do apostolado universitário. Cada estudante deve reunir equilíbrio entre a formação científica e religiosa; harmonia entre a vida intelectual e moral, e profundidade de vida interior para poder viver estes problemas, de espírito.

Tendes de embrenhar-vos — sentiu — em todos os ramos do saber por força das circunstâncias actuais. Seréis chamados a resolver questões que não são as da Escola e não se resolvem com fórmulas já sabidas e clássicas, mas são problemas de vida, dos mais complexos, que só podem ser resolvidos pelos que têm cultura superior. Por isso temos de avançar nos diferentes ramos de saber.

A formação religiosa acompanhará sempre a formação científica. Tempos houve em que havendo longo desenvolvimento científico a alma ficava criança, e isto produz profundo desequilíbrio.

Rapazes e raparigas da J. U. C.! Continuai a estudar os problemas do dogma, da moral, da apologetica e os sociais, a uma luz cristã, que esclarece todo o homem que vem a este mundo. Isto é uma obrigação para todos.

Que a vossa vida intelectual seja o espelho da vossa vida religiosa! O Mundo olha para vós; nós trazemos sobre os nossos ombros as responsabilidades da Igreja. O Mundo não sabe distinguir a santidade da Igreja, dos seus artifices imperfeitos, que somos nós.

O illustre Prelado disse ainda que, com Deus, o trabalho será sempre profícuo. Deus manda semear, acrescentou, e não manda colher. Os vossos sacrificios não se perdem. A dor é a criação heroica da vida!

## A primeira sessão plenária

Depois de ter sido servido um pequeno almoço aos congressistas, realizou-se, às 11 horas, a primeira sessão plenária de trabalhos no I. S. T., á qual presidiu o sr. Prof. Dr. Manuel Gomes da Silva, da Faculdade de Direito de Lisboa.

O salão estava repleto de congressistas, vindo-se entre a assistência o Senhor Bispo-Conde de Coimbra e o Senhor Bispo do Porto.

Fez a invocação do Espírito Santo o rev. padre Maurício dos Santos; a seguir, o presidente explicou que o sr. Prof. Dr. Braga da Cruz, autor da tese «Origem e evolução da Universidade», não podia comparecer por motivo de luto. A sua tese foi lida pelo sr. Prof. Pires Cardoso.

## «Origem e Evolução da Universidade»

O sr. prof. Dr. Guilherme Braga da Cruz foi o relator da tese intitulada «Origem e evolução da Universidade».

Depois de fazer a justificação do plano adoptado: contribuir, com os ensinamentos da História, para uma melhor compreensão das quatro restantes «teses fundamentais» do Congresso, expôs os traços gerais de uma «história institucional» da Universidade.

Encarou a Universidade, como criação do espírito medieval, estudando desenvolvimentos as causas que contribuíram para a sua formação, os diferentes tipos de Universidade, quanto á origem, ajudando á completa autonomia institucional da Universidade primitiva nos séculos XII e XIII.

Depois de apontar as primeiras manifestações de declínio da autonomia universitária nos séculos XIV e XV analisando as causas e efeitos, referiu-se á reforma protestante que utiliza a força política do Estado para oprimir a Universidade, transformando-a num organismo estadual, ao serviço da heresia (século XVI).

Falou da vida institucional da Universidade católica, ao serviço da Contra-Reforma nos séculos XVI e XVII, para enumerar as reformas universitárias do despotismo esclarecido, designadamente a reforma pomalina da Universidade de Coimbra no século XVIII.

Outro capítulo interessante da tese é o que estuda os fins da Universidade, ao longo da História.

A missão da Universidade medieval era promover o ensino dos conhecimentos indispensáveis para o exercício das altas profissões; a formação dos quadros científicos das disciplinas cultivadas; e a hierarquização dos conhecimentos humanos, dentro de um conceito unitário da ciência.

O humanismo abre novos horizontes á missão da Universidade nos séculos XV e XVI pela integração de novas disciplinas no ensino universitário e pelo desenvolvimento do espírito crítico e rejuvenescimento das disciplinas tradicionais.

Outros pontos desenvolvidos na tese são: os fins da Universidade, sob o signo da Reforma e da Contra-Reforma nos séculos XVI e XVII; a atenção da Universidade ao ensino das ciências da Natureza e á investigação científica nos séculos XVII e XVIII; e a Universidade perante a Revolução francesa e o Estado liberal do século XIX: Progressiva laicização do ensino universitário e suas consequências.

## Como encarou historicamente a Universidade as suas «responsabilidades sociais?»

A Idade Antiga não tomou perfeita consciência das responsabilidades sociais que impendem sobre os homens de estudo. A formação dessa consciência está, precisamente, na génese do movimento universitário da Idade Média.

O orador referiu-se á forma como desempenhou a Universidade a sua missão social de colocar a cultura superior ao serviço da comunidade, na Idade Média, desde a Renascença e desde o século XVIII; como desempenhou a Universidade a sua missão social de colocar a cultura superior ao alcance de todos os homens, sem distincção de condições sociais e económicas através dos Colégios universitários; e finalmente como desempenhou a Universidade a sua missão social de servir a verdade e impedir a difusão do erro.

Por último o orador estudou o que deve a Universidade á Igreja e o que deve a Igreja á Universidade.

## Doas comunicações

Ainda nesta sessão leram-se as comunicações: «Colégios Mestres Espanhols», pelo Dr. João Evangelista Loureiro, de Ovar, e «História e Teoria da Ciência», de José Cortês Rosa.

## A segunda sessão plenária

A tarde, pouco depois das 15,30, iniciou-se no I. S. T. a segunda sessão plenária de trabalhos, á qual

presidiu o sr. Prof. Dr. Fernando Magano.

Entre a assistência destacaremos os Prelados de Coimbra, do Porto e da Mitilene e elevado número de professores catedráticos.

Após a invocação ao Espírito Santo, pelo rev. padre Maurício dos Santos, o sr. Prof. Correia de Barros leu a tese de que é relator e que se intitula «Fins da Universidade».

## «Fins da Universidade»

O prof. eng. Manuel Correia de Barros apresentou a tese intitulada «Fins da Universidade».

O orador começou por dizer:

Na realidade, todos estão de acordo em que a Universidade tem por missão essencial a formação de um escol. E quase todos admitem, como função integrante, a de, pela investigação, promover o progresso da ciência. Mas não basta saber que se quer formar um escol; é preciso dizer de que espécie de escol se trata, e qual o objectivo para o qual se quer formá-lo. Uma e outra coisa dependem do conceito que se forme da Universidade; e é este que teremos de discutir.

Os diferentes conceitos do que seja uma Universidade podem reduzir-se a quatro: o conceito corporativo, e conceito humanístico, o conceito estatista ou estatístico e o conceito profissional ou técnico. Vou procurar expor cada um deles, deixando para o fim o conceito corporativo, mais fácil de compreender depois de expostos os outros.

Segundo o conceito humanístico da Universidade, o escol que esta tem por função criar é um escol de homens de carácter. Interessa menos o que a Universidade ensina do que as personalidades que forma. O ponto fraco deste conceito, compreendido num sentido restrito, é que, com ele, não cabem na Universidade os que estudam as profissões liberais.

O conceito estatista, levado ao extremo, como conceito totalitário, é hoje o que vigora nos países onde um Estado despótico subordina toda a nação a uma ideologia, e procura servidores ao mesmo tempo competentes, dóceis e fanáticos dessa ideologia. Dentro desse conceito, o escol que a Universidade deve formar é o das categorias mais elevadas desses servidores. Os seus inconvenientes estão bem á vista de todos nós.

No conceito técnico, o que interessa não é o homem, nem mesmo um tipo de homem deformado, o sectorio; interessa o profissional. O escol que a Universidade deve formar é de médicos, engenheiros, etc. Esta maneira de ver traduz-se pelo desprezo da cultura e da formação da mentalidade e do carácter em benefício de uma simples aprendizagem profissional.

O conceito corporativo é o primitivo e sempre o mais autêntico. Nasceu com a Universidade, e, como esta, não provêdo de uma ideia preconcebida, mas do desenvolvimento natural das instituições. No período mais fecundo da Idade Média, as escolas claustrais encontraram ambiente para tomarem contacto com a vida civil. Daí nasceram as primeiras Universidades, que, conforme os princípios da época, tomaram a forma de federação dos elementos que as constituíam, — de corporação; — e essa corporação exprimiu pelo nome o espírito que a animava: «Universitas magistrorum et scholarium», — Universidade de mestres e alunos.

O conceito corporativo não tem interesse apenas para a época que o criou; pode adaptar-se a todas as épocas e a todos os lugares. E sintetiza tudo o que há de aceitável nos conceitos posteriores. Tudo o que constitui o conceito humanístico se encontra nele, mas alargado. Não exclui da Universidade os que se preparam para uma profissão liberal; por isso engloba também o essencial do conceito técnico. E engloba também esse pressuposto legítimo do conceito estatista de que é preciso formar bons servidores, de que é preciso formar bons cidadãos.

## O conceito dominante da Universidade em Portugal é o técnico

Por todos esses motivos, o conceito corporativo bem poderia chamar-se, sem mais, conceito universitário, que o é por essência; e onde haja Universidade há vestígios desse conceito. As velhas Universidades inglesas de Oxford e Cambridge, com os seus colégios autónomos onde habitam os estudantes e se faz boa parte do ensino, a beleza do ambiente, os tutores encarregados de acompanhar os estudos dos alunos, tirar as suas dúvidas e aconselhá-los na escolha dos cursos, são exemplos frisantes desse conceito, apesar do abalo causado pela Reforma. As próprias Universidades inglesas de fundação recente se subordinam ao conceito corporativo até onde as circunstâncias o permitem.

O conceito corporativo exige que sejam respeitados alguns princípios: a liberdade de fundação dos colégios e outros institutos universitários; a residência dos estudantes nos colégios, a não poder ser em casa da família; a assistência pessoal, directa, para aconselhar e orientar o aluno; e continuidade das instituições universitárias; finalmente, a fidelidade de cada instituto universitário ao seu fim particular, como meio de assegurar o fim geral da Universidade a que pertence. O ensino da teologia tem lugar de honra neste conceito; e, em obediência ao último princípio, deve ser autenticamente teologia da Igreja, sem interferências regalistas.

Em Portugal, o conceito dominante é o técnico. Nem o conceito humanístico, nem o corporativo, encontram ambiente. O conceito estatista também não, — e esse graças a Deus. Mas muitos sintomas permitem esperar que vamos assistir a um ressurgimento do conceito corporativo. No Porto, um esforço esclarecido, persistente e cheio de tacto da Rectoria tem conseguido criar verdadeiro espírito universitário, apesar das muitas dificuldades. A Universidade de Coimbra não pode deixar de ter sempre fortes maresmas do conceito sob que nasceu. E, em Lisboa, a Oração de Sapiência do ano lectivo corrente na Universidade Técnica teve por título «A Universidade, instituição corporativa».

Para se realizar qualquer obra no domínio do espírito, é necessário que o terreno esteja preparado. Se fosse publicada súbitamente uma reforma perfeita das Universidades segundo o conceito corporativo, seria muito difícil, neste momento, dar-lhe plena execução por falta de ambiente. Esse somos nós que temos de o criar. Se, com as minhas palavras, tiver concorrido pouco que seja para que isso se realize, darei por bem empregado o esforço que me custaram, e de melhor vontade perderei a mim mesmo o tempo que lhes roubei.

O sr. Prof. Fernando Magano, depois da leitura da tese, agradeceu ao sr. Prof. Correia de Barros a magnífica lição que acabava de pronunciar, após o que se retirou da presidência, cargo que o sr. Prof. Sousa da Camara assumiu.

A sr.ª D. Maria Hígina Nunes da Silva fez então a leitura dos resumos das seguintes comunicações: «A investigação científica na vida universitária», por Manuel Neves e Castro; «A formação intelectual e as exigências da especialização», equipa do 2.º ano do curso de Romanicas da Faculdade de Letras de Lisboa; «Meios práticos de realizar a síntese cultural na Universidade», por Ramiro Líbano Monteiro, Lisboa; «História e teoria da Ciência», por Manuel Cortês Rosa e Carlos Martins Porto; «Acção da mulher universitária na formação da personalidade intelectual feminina», por Ce-

linda Rosa Esteves Lourenço; «Alguns aspectos da introdução de cadeiras de cultura geral nos estudos universitários», por Manuel Franco de Queirós; «A preparação do estado cultural do universitário», por Maria Adelaide Cruz Carvilho Calado; «Problemas culturais ideológicos do universitário», por Maria da Graça Paula Old e Manuel Temudo; «Cultura e profissões», por Maria da Conceição Tavares da Silva; «Universidade — escola de profissionais», por Efigénia Vilaça Delgado; «Contribuição para o estudo das possibilidades da investigação na Universidade portuguesa», por José Keating; «O problema das licenciaturas», por Aurora de Oliveira Fonseca; «Tentativa de crítica do plano de estudos da licenciatura em Ciências Físico-químicas», por Elvira Doutel de Paula Moraes Neves; «A cultura e a mulher — sua influência recíproca», por Maria Clotilde Teixeira Rosa; e «A necessidade da especialização do ensino e a formação da personalidade intelectual».

Depois foi dada a palavra ao sr. Prof. Martinez y Martinez, do Colégio Maior de S. Paulo, em Madrid, que começou por saudar o Congresso, fazendo votos para que aquela reunião seja um passo para a aproximação cultural dos povos, fazendo em seguida larga referência á finalidade e ao funcionamento das Escolas Maiores de Espanha.

O congressista Francisco Pereira de Moura, assistente do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras leu, em seguida, a sua comunicação sobre «Universidade e formação cultural»; o sr. José Manuel Antero, do I. S. T., fez a sua comunicação — «Panorama da Investigação Científica na Universidade Portuguesa actual».

Ao encerrar a sessão, o sr. Prof. Dr. Sousa da Camara agradeceu aos congressistas os trabalhos apresentados, dos quais salientou a tese do sr. Prof. Correia de Barros.

A noite realizou-se, no «Auditorium» do I. S. T. de Agronomia, na Tapada da Ajuda, uma «serenata» por estudantes de Coimbra, assistindo elevado número de congressistas.